

Percepção das parturientes sobre a importância do acompanhante no parto e pós-parto

Perception of pregnant and parturient women about the importance of a companion during childbirth and postpartum

Percepción de mujeres embarazadas y parturientas sobre la importancia de un acompañante en el parto y puerpério

Recebido: 04/04/2022 | Revisado: 13/04/2022 | Aceito: 18/04/2022 | Publicado: 19/04/2022

Vitor Douglas Pereira de Castro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2706-8609>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: vitor.castro@discente.ufma.br

Julyana Suelen Rodrigues Fonseca

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7777-7681>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: julyana.fonseca@discente.ufma.br

Keyla Cristina Nogueira Durans

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4963-5448>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: enf.keyladurans@gmail.com

Daniele Souza Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1557-8676>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: enfdanielesouza@gmail.com

Joelma Veras da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6647-8865>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: joelma.veras@ufma.br

Amanda Namíbia Pereira Pasklan

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7193-4861>
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
E-mail: amanda.namibia@ufma.br

Resumo

Objetivo: Conhecer a percepção das parturientes sobre a importância do acompanhante durante o trabalho de parto e pós-parto. Método: Trata-se de um estudo descritivo exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em uma maternidade pública da Baixada Maranhense. Os dados foram obtidos através de entrevista semiestruturada com 18 parturientes, organizados em forma de corpus textuais e analisados pelo programa IRaMuTeQ. Foram geradas árvores de similitude, interpretadas e submetidas à Análise de Conteúdo Temática. Resultados: A partir da análise, emergiram quatro categorias: A importância da escolha do acompanhante na sala de parto; O acompanhante como amenizador das experiências negativas no parto; O apoio social percebido na presença do acompanhante durante pós-parto; A visão das mulheres sobre a equipe de enfermagem como acompanhante no processo de parturição. As falas expressaram a necessidade da garantia de ter um acompanhante, tendo em vista que todas as depoentes foram impossibilitadas de terem a presença de um acompanhante de sua escolha. Conclusão: Este estudo apresentou os relatos das mulheres no puerpério sobre a importância do acompanhante no parto e pós-parto e evidencia falhas assistenciais desde o pré-parto até o pós-parto, tais achados convergem na necessidade de avanços relacionados ao acesso à informação durante o pré-natal em relação aos seus direitos, assim como melhorias por parte dos estabelecimentos de saúde para receber a acolher o acompanhante.

Palavras-chave: Enfermagem obstétrica; Saúde da mulher; Parto humanizado.

Abstract

Objective: To know the perception of parturients about the importance of follow-up during labor and postpartum. Method: This is a descriptive exploratory study, with a qualitative approach, carried out in a public maternity hospital in Baixada Maranhense. The data were obtained through a semi-structured interview with 18 parturients, organized in the form of a textual corpus and analyzed with the IRaMuTeQ program. Trees of similarity were generated, they were interpreted and submitted to an analysis of thematic content. Results: Based on the analysis, four categories emerged:

The importance of choosing a companion in the delivery room; The companion as a softener of the negative experiences in childbirth; The social support perceived in the presence of the companion during childbirth; Women's view of the nursing team as a companion in the childbirth process. The faults expressed the need for the guarantee of having a companion, bearing in mind that all the deponents were unable to have the presence of a companion of their escort. Conclusion: This study presents the reports of women in the puerperium on the importance of follow-up during childbirth and the postpartum period and highlights the lack of assistance from prepartum to postpartum, these results converge on the need for related advances with access to information during pre-delivery in relation to their rights, as well as improvements by health establishments to receive follow-up.

Keywords: Obstetric nursing; Women's health; Humanized birth.

Resumen

Objetivo: Conocer la percepción de las parturientas sobre la importancia del acompañamiento durante el trabajo de parto y posparto. Método: Se trata de un estudio exploratorio descriptivo, con abordaje cualitativo, realizado en una maternidad pública de la Baixada Maranhense. Los datos se obtuvieron a través de una entrevista semiestructurada con 18 parturientas, organizada en forma de corpus textual y analizada con el programa IRaMuTeQ. Se generaron árboles de similitud, se interpretaron y se sometieron a un análisis de contenido temático. Resultados: A partir del análisis, surgieron cuatro categorías: La importancia de la elección del acompañante en la sala de parto; El acompañante como amenizador de las experiencias negativas en el parto; El apoyo social percibido en la presencia del acompañante durante el parto; La visión de las mujeres sobre el equipo de enfermería como acompañante en el proceso de parto. Las faltas expresaban la necesidad de la garantía de tener un acompañante, teniendo en cuenta que todos los deponentes estaban imposibilitados de tener la presencia de un acompañante de su escolta. Conclusión: Este estudio presenta los relatos de las mujeres en el puerperio sobre la importancia del acompañamiento en el parto y el posparto y evidencia las carencias de asistencia desde el pré-parto hasta el pos-parto, estos resultados convergen en la necesidad de avances relacionados con el acceso a la información durante el pré-parto en relación con sus derechos, así como las mejoras por parte de los establecimientos de salud para recibir el acompañamiento.

Palabras chave: Enfermería obstétrica; La salud de la mujer; Nacimiento humanizado.

1. Introdução

O parto é um processo natural e fisiológico no qual uma mulher torna-se mãe, processo este que envolve fatores biopsicossociais além de culturais e sentimentais (Damasceno, 2015). O trabalho de parto e parto, até o fim do século XIX, acontecia de forma majoritária em ambiente familiar, onde a parturiente era comumente assistida pelas mulheres da família e pelas aparadeiras, parteira ou comadre que tinham como função auxiliar a mulher neste momento e transmitir confiança (Gonçalves et al., 2015).

Gradualmente, foram sendo introduzidas novas práticas no processo de parturição, tornando o parto medicalizado (Possati et al., 2017). A institucionalização do parto aliada aos progressos alcançados pela tecnologia obstétrica teve como resultado a imposição de rotinas hospitalares às mulheres, assim como o afastamento dos familiares do cenário do parto, trazendo como desfecho a incapacidade de desempenhar uma assistência individualizada e que proporcione um cuidado de qualidade a essas mulheres e familiares (Gonçalves et al., 2015).

Ao decorrer dos anos, foi se disseminando conceitos e sendo implementados modelos assistenciais a fim de mudar a ótica e a prática assistencialista do profissional de saúde, sobretudo sobre a parturiente e família (Damaceno, 2015). O entendimento sobre o parto ser um acontecimento que traz consigo demandas sociais e culturais que devem ser respeitadas e entendidas pelos profissionais que estão na assistência e, por isso, a realização dessas ações auxilia o profissional na oferta de um suporte emocional adequado à gestante e à família. Diante desse contexto, existe uma maior probabilidade de a assistência ser desenvolvida com maior qualidade e resolutividade quando estas demandas são levadas em consideração (Monteiro & Holanda, 2017).

Visando descontinuar o cuidado desenvolvido apenas com aplicação de procedimentos técnicos e com objetivos mecanicistas, sendo estes oriundos dos avanços tecnológicos médicos, das rotinas hospitalares e do paternalismo da equipe, a humanização no cenário hospitalar torna-se uma ferramenta essencial para favorecer a autonomia do paciente (Versiani, 2015).

Diante desta perspectiva, foi criada uma força tarefa pelo Ministério da Saúde do Brasil para implementar estratégias que são recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como a Rede Cegonha e as boas práticas de atenção ao nascimento que visam proporcionar assistência de qualidade a saúde da mulher. Dessa forma, foi implementado o projeto Aprimoramento e Inovação no Cuidado e Ensino em Obstetrícia e Neonatologia (APICE ON), que fomenta o uso das boas práticas obstétricas que devem ser inseridas pelas equipes que assistem às parturientes, onde se mostraram importantes as seguintes práticas: oferta de líquidos por via oral, o apoio empático pelos prestadores de serviço, o respeito à escolha da mulher quanto ao acompanhante durante a parturição, o esclarecimento das dúvidas e fornecimento de informações que as mulheres desejarem (Anjos & Gouveia, 2019; Lopes & Aguiar, 2020).

Neste contexto, a presença de um acompanhante é considerada uma prática com utilidade para a qualidade do processo do parto e deve ser estimulada, tendo como ponto focal a questão do respeito à decisão de escolha da mulher pelo acompanhante que assim desejar. Visando esse fato e levando em consideração a relevância da prática da mulher ter um acompanhante durante todo o processo parturitivo, foi sancionada e aprovada no Brasil, em 2005, a Lei nº 11.108 (conhecida como a Lei do Acompanhante), que altera a Lei Orgânica da Saúde (nº 8080/1990), que, por sua vez, busca garantir às parturientes o direito da presença do acompanhante de sua escolha durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, ofertando assim promoção, a proteção e a recuperação da saúde, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2005; Souza & Agualda, 2016).

Perante o exposto, Anjos et al. (2019) relatam em seu estudo que as mulheres que contaram com a presença de um acompanhante tiveram uma experiência mais satisfatória, além de constatar-se um menor índice de utilização de analgesia e uma tendência maior para parto vaginal curto e espontâneo. Contribuindo com esses achados, outro estudo aponta que a percepção de um acompanhante é vista como adequada, pois, de acordo com as entrevistadas, a presença de um acompanhante traz mais segurança, tornando assim o período de todo o trabalho de parto algo mais harmonioso e menos traumático (Lopes & Aguiar, 2020).

Este trabalho se justifica pela necessidade de sensibilizar e refletir sobre a importância da lei do acompanhante no trabalho de parto e pós-parto da mulher. Entende-se que o acompanhante proporciona humanização ao parto, garantindo a diminuição do risco de morbimortalidade materna e maior vitalidade ao recém-nascido (Anjos & Gouveia, 2019).

No entanto, embora o direito de ter um acompanhante esteja previsto e garantido como uma obrigação legal, ainda se observa a não aplicação de forma plena da lei por parte de maternidades públicas do país, onde estas alegam que não há a inserção do acompanhante devido à falta de adequação do ambiente para acolhê-lo, assim como a questão dos profissionais, que prestam assistência as mulheres durante todo o processo parturitivo, serem insensíveis quanto a realização desta boa prática obstétrica (Souza & Agualda, 2016). Como resultado dessa ausência de preparo dos profissionais e das instituições em introduzir o acompanhante como parte do processo, vemos com frequência mulheres privadas do direito de ter acompanhante e do apoio que é proporcionado pela presença do mesmo (Dos Santos et al., 2016).

Diante de tais achados, levantamos a problemática: Qual a percepção das mulheres parturientes sobre a importância de um acompanhante de sua escolha no seu trabalho de parto e pós-parto? Em face ao exposto, esta pesquisa definiu como objetivo conhecer a percepção das parturientes sobre a importância do acompanhante no parto e pós-parto.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo exploratório, com abordagem qualitativa. Segundo Kripka (2015), os estudos qualitativos definem-se por investigar fenômenos em seu respectivo meio natural, onde são realizados e sobre o que são constituídos.

O estudo foi realizado no Hospital Municipal Materno Infantil Nossa Senhora das Mercês, que é uma maternidade pública de médio porte com serviços especializados, localizada na cidade de Pinheiro, Maranhão. A maternidade foi escolhida por atender a toda a Baixada Maranhense e por ser uma unidade de referência para atenção à gestante de baixo risco.

As participantes deste estudo foram selecionadas mediante os seguintes critérios de inclusão: as parturientes com filho vivo que se encontram internadas na maternidade em pós-parto, tanto do tipo vaginal quanto do tipo cesáreo. Como critério de exclusão: as mulheres que não se encontram em condições de responder o questionário, como casos de complicações pós-parto ou que vivenciaram o abortamento.

A coleta de dados foi realizada no período de junho a agosto de 2020, com entrevistas semiestruturadas individuais que ocorreram no ambiente da maternidade, em local de maior conforto para as entrevistadas e previamente acordado pela direção local. O formulário de entrevista continha oito questões fechadas que visam abordar os dados socioeconômicos e demográficos da população estudada e quatro questões abertas sobre a percepção das gestantes e parturientes acerca da importância de se ter um acompanhante durante o parto e pós-parto onde as participantes discorreram de suas ideias sobre o tema proposto conduzidas pelos seguintes guias temáticos: a percepção das gestantes e puérperas sobre ter ou não acompanhante durante o parto e pós-parto; sua experiência de ter ou não acompanhante; a importância do acompanhante no processo parturitivo; o relacionamento entre a parturiente e a equipe de saúde.

Para esta técnica de entrevista, as informações obtidas com as gestantes e puérperas participantes foram gravadas pelo pesquisador com equipamento digital (gravador) e com anotações em diário de campo. Na abordagem do material coletado, os dados obtidos foram analisados segundo o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2010), que proporciona um conjunto de técnicas de análise das comunicações. As entrevistas foram transcritas na íntegra, visando a construção do corpus empírico do estudo, exportadas para o software IRaMuTeQ para a geração de árvores de similitude que auxiliassem na formação das categorias temáticas.

Foi utilizada a técnica de saturação para se definir o número de participantes dessa pesquisa. A coleta de dados torna-se saturada quando os relatos obtidos na entrevista não apresentam alguma nova informação, não sendo mais necessário prosseguir na pesquisa, pois a compreensão do fenômeno estudado já possui os elementos necessários para análise (Nascimento et al., 2018).

O método disposto por Bardin se estabelece em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e, por fim, a inferência e a interpretação (Silva & Gobbi, 2005).

O estudo assegura os direitos dos sujeitos da pesquisa por seguir os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, envolvendo seres humanos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa–CEP-HUUFMA, CAAE: 34313720.8.0000.5086, sob o parecer nº 4.157.611/2020, no dia 16 de julho de 2020. Portanto, os princípios éticos foram contemplados durante todo o desenvolvimento deste estudo para proteger os direitos dos participantes no decorrer do processo de coleta de dados. Em vista disso, foi entregue e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que foi assinado por todas as participantes do estudo, que autorizou a reprodução e divulgação das informações obtidas, considerando o sigilo das informações e garantindo o anonimato das participantes através da identificação pelo uso da letra P seguida de um número.

3. Resultados e Discussão

Participaram do estudo 18 puérperas com idade entre 18 e 35 anos, sendo a maioria, 50% (n=9), entre 18 e 25 anos, e 44,4% (n=8) residentes na cidade de Pinheiro. Com relação à ocupação, o predomínio foi de autônomas, correspondendo a 55,5% (n=10). Quanto ao nível de escolaridade 50% (n=9) das parturientes apresentam o ensino médio completo, 72,2% (n=13) recebem menos de um salário mínimo mensalmente e 33,3% (n=6) estão vivenciando a experiência da primeira gestação. No que se refere

a quantidade de filhos, verificou-se que, das 12 múltiparas, 38,9% (n=7) das entrevistadas possuem apenas um filho. Observou-se que 50% (n=9) delas vivenciaram o parto do tipo cesáreo.

Os relatos adquiridos através das entrevistas foram organizados em forma de texto e analisados pelo programa IRaMuTeQ. Por meio da análise foram geradas árvores de similitude que foram interpretadas pelos autores, culminando na criação de quatro categorias temáticas, abordadas na discussão: "A importância da escolha do acompanhante na sala de parto", "O acompanhante como amenizador das experiências negativas no parto", "O apoio social percebido na presença do acompanhante durante pós-parto" e "A visão das mulheres sobre a equipe de enfermagem como acompanhante no processo de parturição".

Categoria 1: a importância da escolha do acompanhante na sala de parto

As depoentes da maternidade referiram que se torna de fundamental importância a existência da Lei 11.108/2005, devido ao fato desta lhe possibilitar um acompanhante de sua escolha durante todo o processo parturitivo. Entendem, ainda, que ter um acompanhante pode lhe proporcionar assistência de qualidade, apoio e companhia, além de perceberem que o acompanhante traz influência no seu comportamento e enfrentamento durante o período do parto, conforme ilustra os depoimentos a seguir:

“Ela é importante. Gostei dessa lei porque ela me traria um acompanhante excelente. Ela é importante porque me garante uma pessoa do meu lado e uma assistência de qualidade.” (P6)

“Acho assim que é uma lei que pra nós pacientes nesse momento traz um pouco mais de segurança porque nesse momento a pessoa se sente tão sozinha lá em cima no trabalho do parto. Eu acho que seria ótimo se tivesse.” (P4)

“Sim, é importante porque a gente não fica só todo tempo. Porque lá o acompanhante tá presente com a gente [...]. Eu acho muito importante. O acompanhante me traz influencia, ainda mais quando tem a energia positiva, tá ali né? Todo tempo dando energia boa pra pessoa. Eu acho bom demais. Me sentiria muito feliz.” (P18)

Respeitar o desejo da mulher quanto à presença do acompanhante é de fundamental importância no processo de parturição. O acompanhante contribui para o fortalecimento dos sentimentos de segurança, redução de medos e ansios, além de contribuir positivamente para a diminuição da dor durante o momento de parturição e nascimento (Anjos & Gouveia, 2019). Ter alguém para compartilhar o momento de dificuldade vivenciado é considerado importante pelas mulheres, uma vez que mencionam em suas falas a necessidade de dividir a experiência e ter alguém ao lado que contribua para amenizar a sensação de solidão (Souza & Gualda, 2016).

Souza e Gualda (2016) mencionam em seu estudo que a participação do acompanhante traz benefícios fundamentais para a mulher durante esse processo, como o suporte, incentivo, amparo, cuidado, dentre outros. Parturientes que receberam apoio de acompanhante de sua escolha apresentaram uma visão positiva do processo parturitivo, o que contribui para que o momento seja menos estressante.

Para a equipe de saúde, os empecilhos para o cumprimento de forma integral da Lei do Acompanhante estão relacionados com a ideia de que o ambiente hospitalar não é lugar de acompanhante e que sua presença influenciaria de forma negativa no processo organizacional do trabalho. Tal discurso demonstra que o modelo de atenção à saúde se mantém sob a óptica biologicista, apesar das políticas de humanização (Barnardy et al., 2021).

As mulheres alegam ainda que o acompanhante se torna importante para elas devido ao fato de transmitirem a sensação de segurança e confiança durante o processo do parto. Como pode ser verificado nas falas a seguir:

Eu acho importante porque eu vou me sentir mais segura, vou sentir menos medo, com uma pessoa de confiança do meu lado, entendeu? E como não tem, aí eu fico com aquela insegurança de tá lá sozinha, entendeu?” (P12)

“Bom, pra mim é importante ter acompanhante pelo fato de transmitir uma sensação de segurança e a gente se sente mais confortável e confiante com isso.” (P2)

“Bom, é importante ter um acompanhante pelo fato de quando a gente traz alguém pra nos acompanhar, é alguém de nossa segurança e que pode nos dar confiança aqui.” (P7)

Para Santos et al. (2021), prestar uma assistência humanizada à mulher durante o processo de parturição significa respeitar a sua individualidade, seus desejos, medos, sua insegurança e, sobretudo, suas decisões durante um período em que ela se encontra fragilizada. O cuidado humanizado não se baseia somente em tratar bem o paciente; corresponde a mudança de hábitos, atitudes, de modo a oferecer e realizar uma assistência segura. A presença do acompanhante no parto e nascimento contribui para o fortalecimento dos sentimentos de apoio e segurança. O apoio físico e emocional auxilia a mulher a sentir-se mais calma e encorajada para enfrentar o processo de parturição (Santos et al., 2021).

Ainda é destacado durante as falas das mulheres sobre a questão do conforto e força passados pelo acompanhante para a mulher no momento do parto.

“É importante porque tem uma pessoa do lado da gente dando força pra gente e coragem. Olha! Eu me sinto em um ambiente mais seguro e confortável pra gente.” (P3)

“Pra mim é importante porque a gente tem alguém, né? Com quem conversar, com quem a gente encontra forças pra conseguir parir e pra tá ali com a gente dando palavra de conforto é muito importante.” (P15)

“Sim, ela é importante. Porque ela me proporciona uma pessoa que possa tá ali pra me ajudar e pra eu me sentir mais segura e forte e bem confiante.” (P16)

A palavra conforto é definida como estado de bem-estar, que inclui as dimensões físicas, psicológicas, sociais, espirituais e ambientais; logo, o desconforto resulta na não satisfação de suprir essas necessidades. Para o MS, a confortabilidade é uma importante estratégia de humanização nos serviços de saúde (Farago et al., 2020). Para Farago e colaboradores (2020), a inclusão do acompanhante apresenta um reforço positivo no processo de parturição, propiciando, do ponto de vista fisiológico, o estímulo da produção hormonal, reduzindo o seu estado de alerta e a ansiedade frente ao desconhecido. O acompanhante é um grande aliado no fortalecimento do controle emocional e no encorajamento à mulher no momento parturitivo.

Categoria 2: o acompanhante como amenizador das experiências negativas no parto

As mulheres relatam que o acompanhante é lembrado e valorizado no momento da sala de parto pelas sensações físicas e emocionais que podem ser vivenciadas por elas nessa fase do processo de parturição, como pode ser observado nas declarações a seguir:

“É que vai transmitir uma sensação de parto mais seguro, tranquilo e humanidade, entende?” (P3)

“Então é muito importante, seria muito importante se pudesse o acompanhante estar conosco no momento do parto, por uma questão emocional, é um momento único, por mais que a pessoa tenha mais filhos mas só que cada gestão é um momento único, cada parto vai ser diferente um do outro. Então, seria fundamental a pessoa poder registrar, pra sempre lembrar, é... e pra gente sentir psicologicamente preparada pra aquele momento.” (P8)

“É bom porque no momento da dor é bom ter alguém do nosso lado pra segurar na nossa mão, esperar o tempo passar mais rápido [...]. Alguém que eu confie, que me traga segurança, força pra mim ter meu bebê com mais coragem, menos dor e conforto.” (P10)

“Pra mim é de grande importância porque quando a gente sobe pra aquele centro a gente já vai com aquele nervosismo, com medo, porque a gente sabe como a cirurgia no momento pode acontecer pode acontecer várias coisas. Então, se a gente tivesse alguém, o acompanhante, uma pessoa que geralmente é da família, né? Que traz, esse... que passa todo aquele carinho, aquela transmissão de segurança, que tu vai dar certo. Então, pra mim o acompanhante seria importante por isso.” (P14)

Tais falas apresentam consonância ao estudo de Dos Anjos e Gouveia (2019), ao qual aponta que a presença de um acompanhante durante todo o processo de parturição torna-se imprescindível, uma vez que este possibilita o fornecimento de apoio, carinho, encorajamento e humanização bem como a estimulação ao fortalecimento do vínculo, confiança, segurança e força a parturiente.

Estudos também consideram o acompanhante como uma tecnologia não invasiva durante este processo, visto que a presença do mesmo pode propiciar uma experiência satisfatória, mediante o fornecimento de informações de fácil compreensão a parturiente, auxílio na realização de métodos não farmacológicos para a redução da dor, além de favorecer maior propensão ao parto vaginal rápido e espontâneo, diminuindo o índice de cesarianas e episiotomias, contribuindo também para a atenuação dos riscos de morbimortalidade materna e melhores índices de Apgar ao recém-nascido (Souza & Gualda, 2016; Dos Anjos & Gouveia, 2019).

Os acompanhantes tiveram um maior destaque principalmente no que se refere às primíparas, que relatam a experiência do primeiro filho e da importância de o acompanhante estar presente, visto que se trata de um ambiente diferente, com pessoas desconhecidas e em um momento muito esperado tanto para elas quanto aos seus familiares, como referem os depoimentos a seguir:

“A importância que vou ter com quem... uma pessoa ali pra tá me dando força, pra tá... interagindo comigo pra ver se a dor, né? Muito grande. Pra tá ali dando força mesmo. É importante porque vai ter uma pessoa em que eu confio, em que eu amo muito pra tá ali no momento muito especial ali, que é a hora de ter minha filha, né? Que é a única filha que eu tenho, primeira. E é isso!” (P15)

“Porque também é uma fase de adaptação para os dois, porque a gestante, principalmente se for de primeira gestação, não sabe o que vai acontecer, né?! E tem alguém de sua confiança, alguém experiente, alguém que a gente confie e que saiba, né? É fundamental pra gente poder, é se desenvolver numa coisa que é, pra gente que não sabe, que nunca foi, que nunca teve essa experiência, a gente não sabe colocar pra mamar, a gente não sabe o que a gente pode fazer, se a gente pode levantar, se a gente não pode ou se... a gente precisa de um apoio, de um ajuda, de uma pessoa pra tá com a gente todo tempo.” (P8)

Em conformidade aos estudos de Souza & Gualda (2016), parturientes que passam pelo trabalho de parto sozinhas são mais propensas a sentimentos de solidão, medo e abandono, tais fatores podem refletir e interferir significativamente tanto na duração, quanto no enfrentamento de todo o processo.

No entanto, as mulheres que vivenciam o trabalho de parto com a presença do acompanhante, sentem-se mais amparadas emocionalmente e fisicamente, bem como seguras e confiantes, especialmente quando se trata do primeiro parto. Contar com uma companhia especialmente escolhida pela parturiente para estar presente durante um processo tão importante, favorece a vivência desse momento único de forma satisfatória e memorável (Leas & Cifuentes, 2016; Souza & Gomes, 2019).

Categoria 3: o apoio social percebido na presença do acompanhante durante pós-parto

A rede de apoio conformada pela presença do acompanhante durante o pós-parto, trouxe às participantes da pesquisa a figura de alguém que poderia ampará-las, como exposto pelas seguintes falas:

“Ah, porque eu vou me sentir mais confiança. Porque vai ter alguém ali comigo, conversando comigo, me ajudando com a minha filha, esse... dando banho nela, esse... conversando mesmo pra ver se o tempo passa mais rápido, esse... ali dando um apoio.” (P15)

“Ela é meu apoio e eu não me sinto sozinha, ela me faz companhia e na hora que eu preciso ela tá aí pra me ajudar nas coisas.” (P11)

“O acompanhante traz uma função de apoio, de responsabilidade, de tá ali todo tempo junto com a gente, né? Eu acho muito bom.” (P18)

O papel social do acompanhante, sob a visão da mulher, tem grande relevância no que tange à sua proteção e conforto. As intenções variam desde o amparo prestado na diminuição da dor, o auxílio a um parto tranquilo e a segurança de alguém que não permitirá intervenções desnecessárias em seu corpo. Deste modo, o acompanhante pode ser, em sua essência, uma estratégia de apoio aos profissionais de saúde, como uma medida não-farmacológica à parturiente. O fortalecimento dos vínculos profissional-paciente e familiar proporciona uma maior aceitação da situação atual por parte da mulher, culminando em melhores desfechos perinatais (Honnef et al., 2021; Junges & Brüggemann, 2020; Leal et al., 2021).

Entretanto, apesar das ações voltadas à presença do acompanhante terem melhorado, ainda estão aquém do ideal para o conforto da mulher. Apesar da maioria das mulheres registrar seu interesse mediante a administração dos serviços a respeito de um acompanhante principalmente durante o parto, menos da metade consegue sua presença efetivamente. A situação também apresenta contornos sociais e financeiros, uma vez que as instituições que mais desrespeitam a lei do acompanhante são as públicas e filantrópicas. As causas evidenciadas vão desde a falta de estrutura hospitalar para acomodar o acompanhante e a ausência de configuração profissional propícia para o acolhimento do mesmo. Estes fatores contribuem para uma experiência menos agradável durante a internação, uma vez que a mulher não tem seu pleno direito de escolha resguardado (Bernardy et al., 2021; Leal et al., 2021; Moura et al., 2021).

Ademais, as mulheres relataram a importância do acompanhante para a garantia de suas necessidades humanas básicas e o cuidado com o seu RN, expressando a importância desta figura dentro de um núcleo de cuidados que contempla o binômio mãe-filho. Esta ideia é expressa nas seguintes passagens:

“É excelente. Porque é tipo assim, a gente que tá saindo de uma cesariana, a gente não pode levantar, não tem como ir no banheiro, é não tem como cuidar do bebê e nem tomar água. Então, é de extrema necessidade você ter um acompanhante, entendeu? Então, eu sou a favor ao acompanhante.” (P13)

“É muitíssimo necessário ter alguém, um suporte, alguém, o acompanhante junto conosco pra trocar o neném, pra colocar pra mamar quando a pessoa tem mais dificuldade, pra ajudar a gente se levantar, ir no banheiro, porque se a gente for no banheiro e tiver fraco, se sentir mal, quem vai segurar a gente, né? Pra evitar muitos acidentes, tanto com a gente, a parturiente, quanto com o recém-nascido.” (P8)

“De extrema importância, até porque principalmente pra quem tem parto cesáreo que não pode levantar devido aos pontos, então é de extrema ajuda porque tira o bebê do berço, ajuda a gente a botar pra mamar, trocar as fraldas e assim por diante, né?!” (P7)

Um acompanhante continuamente presente durante as etapas do pré-natal e nascimento contribui para a diminuição da solidão materna, sentimento comum no pós-parto. Juntamente a isso, uma aproximação maior entre mãe e bebê pode ser criada.

Autores retratam que a presença de um acompanhante durante os momentos de fragilidade física e emocional maternas propiciaram um incentivo maior a amamentação na primeira hora de vida, a chamada “hora ouro”, além de favorecer um maior contato pele a pele, pela segurança passada em ter o companheiro ao seu lado. Ademais, o contato da família com o RN favorece tanto a adaptação bilateral do novo momento familiar quanto ajuda a compreender as suas primeiras necessidades básicas (Messa et al., 2020; Sabino et al., 2021; Santos et al., 2021; Silva et al., 2020).

A atenção prestada à puérpera não se restringe apenas aos primeiros cuidados com higiene, mas também se relaciona ao seu protagonismo e à sua melhor recuperação. O incentivo a deambulação e a realização de exercícios físicos, questões que auxiliarão a mãe a ter mais força física e a diminuir as dores no pós-parto são evidenciados como estratégias facilitadas na presença do acompanhante. Em outros casos, quando o RN precisou ser afastado, o acompanhante também proporcionou sentimento de alívio e calma ao trazer informações sobre seu estado de saúde, contribuindo para diminuição de sentimentos como angústia e frustração à puérpera (Messa et al., 2020; Sabino et al., 2021; Santos et al., 2021; Silva et al., 2020).

Categoria 4: a visão das mulheres sobre a equipe de enfermagem como acompanhante no processo de parturição

Os relatos das mulheres sem acompanhante desde o momento do pré-parto até o pós-parto demonstraram que a equipe de saúde não consegue substituir a presença do acompanhante, conforme os relatos das mulheres.

“Ah, no centro cirúrgico me senti bem assim, eh... preocupada, chorei, nervosa porque fiquei bem emocionada mesmo e não tive ninguém, tinha os enfermeiros, os técnicos, mas não é como se fosse alguém da família pra tá dando força naquele momento de cirurgia. Não, não tive acompanhante e seria muito bom se tivesse que com certeza eu não teria ficado do jeito que fiquei, muito nervosa, chorei, bem mesmo agitada.” (P)

“No centro cirúrgico eu não tive um acompanhante, né? Não foi comigo. E eu me senti perdida, me senti desamparada assim. É um momento (começa a chorar) que a gente fica muito sensível, eu me senti só, mesmo tendo a equipe, fazendo seu trabalho, senti falta de um olhar, de um carinho assim, porque a gente fica muito sensível nessa... nesse momento da vida e pra mim seria muito importante [...]” (P)

Mediante ao exposto em estudos de Leas e Cifuentes (2016), o processo de parturição, sem a presença do acompanhante tende a acarretar desconforto, insatisfação e insegurança à mulher. Saber que o direito ao acompanhante durante o trabalho de parto pode ser negado, em diversos casos, favorecem o desestímulo de algumas mulheres quanto ao enfrentamento de dores ou situações esperadas ou inesperadas ao decorrer do momento.

Apesar da ocorrência de tais empassos, a presença constante da equipe de Enfermagem é fundamental durante todo o processo, no desenvolvimento da atenção, fornecimento dos cuidados e suportes necessários, escuta qualificada e esclarecimento de dúvidas às parturientes. No entanto, embora todo apoio desenvolvido pela equipe, é notória a imprescindibilidade da existência de um acompanhante selecionado pela mulher, para esta ocasião, por contribuir para uma vivência satisfatória em diversos âmbitos neste cenário (Leas & Cifuentes, 2016; Possati et al, 2017).

No entanto, percebe-se que a ausência de acompanhante e apenas a presença da equipe durante o processo de acolhimento, ocorre um certo alívio para a mulher, no que diz respeito aos casos de mulheres que, por opção ou por falta de um acompanhante, necessitem da equipe de Enfermagem para assistência prestada durante esse processo.

“É como eu falei a falta de privacidade, mas também tive as enfermeiras que estavam lá, excelente me trataram super bem, entendeu?! Não tenho nada o que falar.” (P14)

“Eu me sinto muito triste porque eu não tive meu acompanhante, mas eu queria muito. Se eu tivesse alguém me acompanhando, eu ia ficar menos ansiosa, com menos medo e as horas iam passar mais depressa pra mim, né? Eu penso assim pelo fato de eu tá sozinha, de não ter ninguém junto comigo e também porque tinha outra menina lá que

ia fazer cesárea e tinha uma enfermeira lá conversando com ela, distraíndo ela. Então, ali ela tava se distraíndo conversando e eu tava ali sozinha. Eh... com muita ansiedade, parecia que as horas não passavam e com medo...” (P16)

Embora a lei do acompanhante possua 17 anos de vigência, ainda há locais que a desrespeitem, deixando a mulher sozinha no período parturitivo e, conseqüentemente, mais susceptível às violências. O próprio ato de negar a mulher o direito ao acompanhante configura-se como violência obstétrica. Apesar de muitos profissionais não identificarem dada conduta como violenta (ou não querem reconhecer), no qual relatam que o acompanhante por vezes dificulta o processo de trabalho da equipe e da própria parturiente. Nesse contexto supracitado, a violência mascara-se de boa prática, tendo em vista que relatam o bem estar da paciente (Costa, 2022).

A humanização do parto configura-se como um momento de promoção da autonomia feminina, no qual o profissional deve contribuir positivamente para que a mulher seja capaz de tomar sua própria decisão e que sejam respeitadas pela equipe que as assiste. Os profissionais de enfermagem têm sua função voltada para acesso da qualidade da assistência, garantindo amparo durante o parto e reduzindo os fatores de risco que transcorrem o período parturitivo. Além disso, precisam compreender os anseios de cada mulher, respeitando o seu processo fisiológico, para assim contribuírem com o seu bem-estar físico e mental, minimizando os seus anseios (Martins, 2021).

Em um estudo semelhante realizado no Amapá, Cruz e Santos (2021) relatam que, embora a maternidade permita a presença do acompanhante, muitas mulheres desconheciam tal direito e informaram não ter tido informações sobre o parto humanizado durante o pré-natal e na própria maternidade. Quando perguntadas sobre o tratamento da equipe profissional, algumas relataram que foram desrespeitadas por alguns profissionais e que isso refletiu no processo parturitivo; as demais disseram que foram bem atendidas e tiveram uma boa experiência com o trabalho de parto. Tal informação reforça que a figura do profissional de saúde e a forma como tratam a mulher impacta diretamente no trabalho de parto, tanto de forma positiva quanto negativa. A assistência humanizada em sua plenitude ainda possui uma barreira, mas quando há um esforço entre profissionais de saúde envolvidos no atendimento da mulher, acompanhante, família e gestão, a efetivação do parto humanizado torna-se possível.

4. Conclusão

Este estudo apresentou os relatos das mulheres no puerpério sobre a importância do acompanhante no parto e pós-parto. No que se refere a presença do acompanhante durante o processo parturitivo no pré-parto, parto e pós-parto, constatou-se sua ausência nestes momentos, e os motivos mais referidos para tal foram o desconhecimento da Lei 11.108/2005, além da não permissão da equipe assistencial pela falta de estrutura física e da não permissão da entrada sem justificativas.

Algumas limitações são apresentadas nesse estudo e necessitam ser consideradas. Estas referem-se ao não-questionamento da justificativa dada pela instituição para a ausência do acompanhante no pré-parto e sala de parto, o que poderia trazer mais subsídios para implementação de melhorias. Além disso, as entrevistas realizadas tratam-se apenas de recorte da realidade investigada, que pode ter acarretado perdas de informações detalhadas e importantes que poderiam ser relatadas por outras puérperas.

Levando em consideração tais achados, pode-se refletir sobre a necessidade de avanços relacionados ao acesso à informação durante o pré-natal quanto à possibilidade de as parturientes utilizarem da lei que garante a presença de um acompanhante, assim como o estabelecimento de medidas gerenciais que ofertem mudanças na estrutura física da maternidade para que esta possa acolher de maneira satisfatória o acompanhante. Com base nessas considerações, apresentar os resultados desse estudo serve como estratégia para estabelecer parcerias com os gestores e profissionais de saúde na maternidade e demais

instituições de saúde que não autorizam a entrada e permanência do acompanhante no processo de parturição, para, aos poucos, viabilizar a presença do acompanhante no processo de parto.

Acredita-se que esta pesquisa seja relevante para os profissionais que compõem a equipe multiprofissional de saúde, por proporcionar uma melhor compreensão sobre as experiências vivenciadas pelas parturientes durante seu processo parturitivo, análise crítica sobre os cuidados que prestam aos seus clientes, conhecimento das limitações e potenciais da instituição sobre o tema. Todos esses pontos visam humanização e a melhoria da assistência que é proporcionada às parturientes, pois estimula a necessidade de refletir sobre a temática e possibilita a identificação das fragilidades da assistência parturitiva e motivos pelos quais não são executadas, e isso pode sensibilizar os profissionais e intuições da importância de sua atuação na assistência, educação em saúde, na proteção e promoção da saúde, e prevenção de intercorrências durante o processo parturitivo e recuperação pós-parto.

Esta pesquisa não conteve questões que buscassem informações inerentes ao pré-natal dessas parturientes e sua percepção sobre a assistência prestada pela equipe multiprofissional de saúde durante todo seu processo de parto, sendo estas propostas para futuros estudos.

Referências

- Anjos, A. M. dos, & Gouveia, H. G. (2019). Presença do acompanhante durante o processo de parturição e nascimento: Análise da prática [Presence of a companion during the process of labor and childbirth: analysis of practice] [Presentación del acompañante durante el procedimiento de parto y nacimiento: análisis de la práctica]. *Revista Enfermagem UERJ*, 27(0), 38686. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2019.38686>
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. (7a ed.), Portugal.
- Brasil. Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. (2005). *Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)*. Diário Oficial da União.
- Bernardy, L. N., Medeiros, F. F., Capello, T. da S., Santos, I. D. de L., Cardelli, A. A. M., & Bernardy, C. C. F. (2021). Inclusão Do Acompanhante Na Rotina De Assistência Ao Parto De Alto Risco. *Revista Unimontes Científica*, 23(1), 1–10. <https://doi.org/10.46551/ruc.v23n1a05>
- Costa, J. A., Silveira, J. de A., Gonçalves, S. J. da C., & Souza, M. C. A. de. (2022). Violência obstétrica e humanização no parto. Percepção de alunos de graduação em Medicina e Enfermagem. *Revista de Saúde*, 13(1), 28–33. <https://doi.org/10.21727/rs.v13i1.2993>
- Cruz, C. C., & Santos, K. P. dos. (2021). A humanização do parto no Hospital Maternidade Mãe Luzia, em Macapá – AP / The humanization of childbirth at the Maternidade Mãe Luzia Hospital, in Macapá – AP. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 14557–14571. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-196>
- Damaceno, D. C. (2015). A importância do parto humanizado: Atenção da equipe de Enfermagem. *FACIDER - Revista Científica*, 0(7), Article 7. <http://revista.sei-cesuol.edu.br/index.php/facider/article/view/132>
- Farago, D. F., Brusamarello, T., & Souza, S. R. R. K. (2020). Acolhimento dos acompanhantes de mulheres em processo de parto numa maternidade de alto risco. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 8(4), 827–836. <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4295>
- Gonçalves, A. de C., Rocha, C. M. da, Gouveia, H. G., Armellini, C. J., Moretto, V. L., & Moraes, B. A. (2015). O acompanhante no centro obstétrico de um hospital universitário do sul do Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36, 159–167. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.esp.57289>
- Honnef, F., Padoin, S. M. de M., Paula, C. C. de, & Langendorf, T. F. (2021). Intencionalidade das ações de mulheres no trabalho de parto: Estudo na fenomenologia social. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0177>
- Junges, C. F., & Brüggemann, O. M. (2020). Factors Associated With Support Provided To Women During Childbirth By Companions In Public Maternity Hospitals. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 29. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0239>
- Kripka, R., Scheller, M., & Bonotto, D. L. (2015). Pesquisa Documental: Considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *CIAIQ2015*, 2. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>
- Leal, M. do C., Esteves-Pereira, A. P., Vilela, M. E. de A., Alves, M. T. S. S. de B. e, Neri, M. A., Queiroz, R. C. de S., Santos, Y. R. P., & Silva, A. A. M. da. (2021). Redução das iniquidades sociais no acesso às tecnologias apropriadas ao parto na Rede Cegonha. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 823–835. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.06642020>
- Leas, R. E., & Cifuentes, D. J. (2016). Parto Humanizado: Contribuições Do Enfermeiro Obstetra. *Revista Ciência & Cidadania*, 2(1), 74.
- Lopes, L. C. da S., & Aguiar, R. S. (2020). Aplicabilidade das boas práticas de atenção ao parto: Revisão integrativa de literatura. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 9(1), 133–143. <https://doi.org/10.3623/revisa.v%.n%.p484%>
- Martins, J. N., Markus, G. W. S., Pereira, R. A., Couto, G. B. F. do, Dias, A. K., & Alencar, C. T. (2021). Percepção Dos Acadêmicos De Enfermagem E Fisioterapia Na Assistência Ao Parto Humanizado. *Facit Business and Technology Journal*, 1(31), Article 31. <https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/view/1273>

- Messa, Í. E. G., Honnef, F., Langendorf, T. F., Paula, C. C. de, Souza, Í. E. de O., & Padoin, S. M. de M. (2020). Ações De Acompanhantes Durante O Parto: Compreensão A Partir Da Fenomenologia Social. *Cogitare Enfermagem*, 25(0). <https://doi.org/10.5380/ce.v25i0.69427>
- Monteiro, M. C. de M., Holanda, V. R. de, & Melo, G. P. de. (2017). Análise do conceito parto humanizado de acordo com o método evolucionário de Rodgers. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 7(0), Article 0. <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1885>
- Moura, E. S., Torres, R. C., Teles, W. de S., Silva, M. C. da, Barros, Â. M. M. S., Azevedo, M. V. C., Junior, P. C. C. S., Debbo, A., Silva, R. N. da, & Morais, A. L. de J. (2021). Reflexão sobre a presença do acompanhante na humanização do trabalho de parto. *Research, Society and Development*, 10(8), e58610817653–e58610817653. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17653>
- Nascimento, L. de C. N., Souza, T. V. de, Oliveira, I. C. dos S., Moraes, J. R. M. M. de, Aguiar, R. C. B. de, & Silva, L. F. da. (2018). Saturação teórica em pesquisa qualitativa: Relato de experiência na entrevista com escolares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 228–233. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616>
- Possati, A. B., Prates, L. A., Cremonese, L., Scarton, J., Alves, C. N., & Ressel, L. B. (2017). Humanização do parto: Significados e percepções de enfermeiras. *Escola Anna Nery*, 21. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0366>
- Sabino, M. C., Costa, R., Velho, M. B., Brüggemann, O. M., Junges, C. F., & Gomes, I. E. M. (2021). Ações realizadas pelo acompanhante durante os cuidados imediatos com o recém-nascido em maternidades públicas. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 11, e26–e26. <https://doi.org/10.5902/2179769246916>
- Santos, E. C. P. dos, Lima, M. R., Conceição, L. L., Tavares, C. S., & Guimarães, A. M. d'Ávila N. (2016). Conhecimento E Aplicação Do Direito Do Acompanhante Na Gestação E Parto. *Enfermagem em Foco*, 7(3/4), 61–65. <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.n3/4.918>
- Santos, I. G. dos, Oliveira, P. P. de, Roos, M. de O., Benedetti, F. J., Teixeira, D. A., Rangel, R. F., & Costenaro, R. G. S. (2021). Importância Do Acompanhante E Do Contato Pele A Pele No Parto E No Nascimento: Importance Of The Companion And Skin-To-Skin Contact During Parturition And Birth. *Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem*, 11(36), 268–275. <https://doi.org/10.24276/rrecien2021.11.36.268-275>
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2005). O Uso Da Análise De Conteúdo Como Uma Ferramenta Para Apesquisa Qualitativa: Descrição E Aplicação Do Método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 7(1), Article 1. <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/210>
- Silva, M. M. da, Pereira, S. de S., Gomes-Sponholz, F. A., & Monteiro, J. C. dos S. (2020). Fatores que implicam no processo do contato precoce e aleitamento materno na sala de parto. *Cadernos Saúde Coletiva*, 28, 529–536. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202028040409>
- Souza, S. R. R. K., & Gualda, D. M. R. (2016). A Experiência Da Mulher E De Seu Acompanhante No Parto Em Uma Maternidade Pública. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 25. <https://doi.org/10.1590/0104-0707201600004080014>
- Versiani, C., Barbieri, M., Gabrielloni, M., & Fustinoni, S. (2015). The meaning of humanized childbirth for pregnant women. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 7, 1927. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i1.1927-1935>